

Ideias femininas na imprensa ribeirão-pretana (1900-1940)

Jorge Luiz de França*

Resumo: A presente comunicação busca discutir dados relativos à pesquisa sobre a História da Educação em Ribeirão Preto, São Paulo, nas primeiras décadas do século XX. Procura-se, por intermédio da análise da imprensa regional, mais particularmente, dos jornais A Cidade e Diário da Manhã, problematizar as representações construídas em torno das mulheres daquele espaço e daqueles tempos.

Além disso, acreditamos ser possível reconstruir as práticas educativas daqueles impressos, com vistas à normatização dos costumes não apenas das mulheres, mas, sobretudo delas. Assim, procura-se também discutir a potencialidade dos jornais como veículos educativos em relação a um determinado padrão de feminilidade.

Dessa forma, por intermédio da leitura das fontes produzidas pelos letrados do interior paulista, busca-se perceber quais as temáticas privilegiadas em torno do universo feminino, bem como as questões consideradas relevantes pelos homens públicos daqueles tempos em torno da educação da mulher.

Palavras-Chave: Ribeirão Preto, Imprensa e educação, História das mulheres

Abstract: This paper aims to discuss the details of research into the history of education in Ribeirão Preto, São Paulo, in the first decades of the twentieth century. We intend, through the analysis of the regional press in particular, The City and the newspapers Diário da Manhã, discuss representations of women built around that time and place.

Furthermore, we believe we can rebuild the educational practices of those printed for the standardization of customs not only of women, but mainly directed at them. Thus, attempts are also discussing the potential of newspapers as vehicles of education in relation to a particular standard of femininity.

Thus, by reading the sources produced by scholars from within, we understand the issue around the world of women and the issues considered relevant by the public men of the time around the education of women.

Key- Words: Ribeirão Preto, press and education, women's history.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Federal de Uberlândia, Linha de História e Historiografia da Educação. Especialista em História, Cultura e Sociedade pelo Centro Universitário “Barão de Mauá”, licenciado em História pela mesma instituição. Bolsista - CAPES. Email: jorge.lf@ig.com.br

Imprensa, um campo para história da educação?

Este trabalho se insere no bojo das investigações desenvolvidas pela linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação. Para tanto, utiliza referências bibliográficas da leitura dos estudos da denominada História Cultural, principalmente os desenvolvidos por Roger Chartier. (Cf. 1991:173-191). Nesta abordagem cultural/antropológica, observamos que a imprensa se constitui como fonte de pesquisa importante para o estudo do ensino. Por meio desta fonte, é possível perceber diversas práticas de ensino com vistas à normatização dos costumes da sociedade, sobretudo das personagens femininas.

Conforme aponta Tania Regina de Luca: “O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e **por meio** da imprensa, o próprio jornal tornou-se **objeto** da pesquisa histórica”. (2010:118). Por seu intermédio, obtemos informações que possivelmente não seriam encontrados em outro registro histórico, a exemplo de: nomes de professores (as), e alunos (as), referências as instituições de ensino (público - particular), conteúdos ensinados. Ou seja, elementos que ajudam a construir a História Educacional da época e da problemática abordada. A este respeito, o historiador da educação António Nóvoa enfatiza:

é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os atores estão presentes nos jornais e revistas: os professores, os alunos, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre o “quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época. A escrita jornalística não foi ainda, muitas vezes, depurada das imperfeições do cotidiano e permite, por isso mesmo, leituras que outras fontes não autorizam. Por outro lado, é através deste meio que emergem “vozes” que têm dificuldade em se fazerem ouvir noutros espaços sociais, tal como na academia ou no livro impresso. A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifesta, de um ou de outro modo, o conjunto de problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação... São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia. (Apud BASTOS, 2002:169).

Para Nóvoa, a imprensa é uma fonte documental que fornece dados sobre a vida social cotidiana, também possibilita ao pesquisador - ficar mais próximo do objeto problematizado. Nesse sentido, Wenceslau Gonçalves Neto evidencia que é por intermédio da imprensa que se divulgam parte das representações sociais. Concomitantemente, ela tem a habilidade de compor uma cultura, propagando o ensino diariamente. (Cf. 2002: 197-225).

Dentre as novas propostas para o estudo da História da Educação no País, a pesquisadora Raquel Discini de Campos realizou um profundo trabalho em *A Princesa do Sertão na Modernidade Republicana* (Cf. 2004), focalizando no interior do Estado de São Paulo jornais dos anos 1920 como fontes de pesquisa. Para tanto, Campos evidencia que tais periódicos foram importantes instrumentos de formação e ensino da população do noroeste paulista e por isso constituem fontes privilegiadas para o estudo das representações sociais que circularam na região:

O espaço privilegiado para exposição dos problemas, apresentação das soluções, criação e difusão dos padrões entendidos como corretos para a cidade, para o Estado e para o Brasil era a imprensa matutina. Concebia-se o jornalismo como palco ideal para que os “cérebros iluminados” refletissem sobre os assuntos “palpitantes da realidade brasileira”, todos eles ligados de forma direta ou indireta à modernização da cidade e da “pátria mãe” (Idem:42).

Campos mostra como os jornais *tentaram* construir um leitor idealizado a partir de similaridade entre a imagem transmitida pelo enunciador e a visão de mundo do leitor, estabelecendo-se assim um contrato de confiança. Destaca-se a riqueza do conjunto documental utilizado pela autora, composto principalmente por periódicos de Rio Preto e região, até então esquecidos pelo poder público e pela própria população. Pela análise de fotografias, propagandas e artigos é possível entender diversas representações construídas em torno do ensino, algumas ainda presentes nos dias atuais.

Segundo Maria Helena Camara Bastos, a imprensa se constitui num: “[...] dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, portadora e produtora de significações”. (2002:151). Não obstante, para Wenceslau, é principalmente por intermédio da imprensa que se divulgam e se consolidam as identidades sociais:

O jornal torna-se, portanto [...] um elemento fundamental para se captar as principais representações de uma época, uma vez que centraliza boa parte das opiniões e das atenções da elite intelectual, que trabalha na moldagem da cultura. (2002:206).

Assim, a imprensa apresenta uma fonte inigualável de pesquisa, posto que a palavra escrita pode ser resgatada posteriormente e utilizada como documento na construção de interpretações históricas.

O texto apresentado no jornal evidencia o emissor dialogando com a realidade que o cerca, pela linguagem. Representa ainda o modo de viver, de pensar de determinada coletividade. O sujeito falante assume sua narrativa, reproduz realidades culturais existentes na sociedade e, ao mesmo tempo, introduz valores e modos de pensar a partir do que evidencia e da maneira como faz a descrição.

Ao longo da História ocidental, foram construídas imagens das mulheres, as quais deveriam atender primeiramente às necessidades do Estado. Pode-se, por intermédio da imprensa, problematizar as ideias construídas por homens em torno do gênero feminino, assim como se tornam suscetíveis de percepção os hábitos sociais do recorte temporal em estudo.

Podemos dizer que, por intermédio da imprensa, foram construídos imaginários acerca da mulher, do ensino, e das novas profissões que admitiam a atuação feminina. Segundo Chartier, as representações culturais produzidas por indivíduos e grupos posicionados são produtos de realidades sociais, na medida em que constituem estratégias, discursos e práticas de sociabilidade em meio a lutas de poder e de dominação em uma devida sociedade.

“A história cultural, [...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 2002:16-17). Deste modo, a imprensa é uma fonte importante para investigação das novas necessidades sociais. Para tanto, o autor enfatiza: “[...] Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos”. (Ibidem).

Falar de mulher no nordeste paulista

A normatização da mulher já foi objeto de estudo por pesquisadores de diversas áreas. No entanto, quando o assunto é a relação entre ideias femininas na imprensa, estas

ideias não mereceram, até o momento, detalhes investigativos. A historiografia local insiste em privilegiar temas diretamente ligados aos grandes nomes e marcos históricos.

São raros os trabalhos¹ que se preocupam em mostrar a multiplicidade de ações realizadas, em razão da urbanização/modernidade, pela elite intelectual que integrava os municípios do complexo cafeeiro.²

Deste modo, são poucas as pesquisas de conclusão de curso, mestrado e doutorado que demonstram a representação social em torno das mulheres do nordeste paulista. Gostaríamos de esclarecer que o objeto de estudo em questão (as mulheres) pode ser investigado em diversas fontes, tais como: nos jornais, em almanaques, nos cartões postais, em rótulos de produtos, enfim, em uma variedade de documentos/monumentos. Diante deste silêncio da historiografia local em torno das ideias femininas, afirmamos veementemente que esta ausência de abordagens não inviabiliza a busca que ora propomos. Afinal, como já afirmou Michel de Certeau:

O que fabrica o historiador quando “faz história”? Em que trabalha? Que produz? Interrompendo seu passeio erudito nas salas dos Arquivos, separa-se por um momento de seu estudo monumental, que o possibilitará ser classificado entre seus pares, e, saindo à rua, se pergunta: o que é este trabalho? Eu me interrogo a respeito da enigmática relação que estabeleço com a sociedade presente e com a morte, pela mediação de atividades técnicas. (1988:17).

No período em estudo, percebemos que a mulher foi controlada pelo poderio masculino, semelhantemente ao que aconteceu em períodos anteriores da História brasileira. Por definição do *movimento higienista*, foram reguladas normas e regras de condutas, a fim de se construir uma *nação civilizada*. Na elaboração deste *ideal*³,

¹ Portando, estudar apenas uma matriz teórica é ser, de certo modo, ingênuo, pois tais estudos acabam mistificando uma história hegemônica. Deste modo, é necessário utilizar outras teorias, no intuito de esclarecer os diversos temas na escrita da historiografia de Ribeirão Preto. Nesta nova escrita da História local, destacamos os trabalhos dos seguintes pesquisadores: PAZIANI, R. R. 2004; MELLO, R. C. 2004; CALSANI, R. A. 2005; CHICHITOSTTI, A. P. M. 2005; GIORGIANI, T. S. 2005; FRANÇA, J. L. 2006; APARÍCIO, L. R. 2007; JAYME, L. R. 2008.

² Consideramos ‘complexo cafeeiro’ as regiões do nordeste paulista, as quais tinham certa integração econômica, social e cultural, incluindo-se os municípios de Araraquara, Bauru, Barretos, Batatais, Franca, Mococa, Piracicaba, Ribeirão Preto, São Carlos, São José do Rio Preto, entre outros.

³ Desde longa data é possível encontrar referências à construção da mulher ideal, Jean Jacques Rousseau, por exemplo, já afirmava a relação entre a formação do ser e o modelo político adotado pelo Estado. O autor escreve um tratado sobre a educação em: *Emílio ou Da Educação*; nesta obra, Rousseau tem em vista a sociedade do *Contrato Social*, ou seja, a formação com a qual o filósofo se preocupa é aquela individual, mas, sobretudo, a formação do cidadão que dará prosseguimento adequado ao modelo político. Ver: (Cf. 1973).

caberia à personagem feminina ser o símbolo da modernidade republicana, dos bons modos e da educação.

No tocante à produção bibliográfica que apresentamos para indagação, especificamente sobre Ribeirão Preto, é possível levantar algumas publicações que, no momento, citamos.

A historiadora Liamar Izilda Tuon demonstra as manifestações culturais entre as diferentes camadas da sociedade, tendo como eixo a passagem do século XIX para o XX. A autora enfatiza a vida cultural feminina sob influência dos hábitos trazidos em larga escala pelos imigrantes europeus. (Cf. 1997).

Sob esta temática ‘gênero feminino’, encontramos o trabalho de Benedita Luiza da Silva, que aborda a vida noturna em Ribeirão Preto. Para tanto, utiliza a referência de *François Cassoulet*, considerado o *rei da noite*. Tal personagem controlou o lazer da cidade por agenciamento de cassinos, teatros, cinemas, restaurantes, entre os anos de 1890 até sua morte, em 1919. (Cf. 2000).

Os autores mencionados anteriormente já apontavam a existência de determinados papéis sociais, sobretudo das mulheres, porém não mencionaram os múltiplos caminhos do feminino que se desenvolveram dentro do perímetro urbano de Ribeirão Preto.

Recentemente, a historiadora Lúcia de Rezende Jayme realizou considerações oportunas sobre as escolas isoladas de Ribeirão Preto durante a Primeira República. Para tanto, considerou, além do sistema educativo, questões referentes à modernidade, civilização, ordenamento e higiene, constantemente debatidas pela elite local, no período de 1890-1920. (Cf. 2008).

O desenvolvimento vertiginoso do município impôs novas áreas de lazer, consumo e estabelecimentos de ensino. O Estado - representado pela elite local - elege, em continuidade com o projeto civilizador, o referencial urbano da modernidade européia. Assim, o ordenamento social era feito de diversas formas: ora por intermédio da imprensa, ora pelas escolas, Igrejas/família e/ou pela aplicação das Leis, mediadas pela justiça. Para tanto, tais grupos normatizavam o comportamento das mulheres - mães, ricas, pobres, professoras, meretrizes, artistas, donzelas, entre outras - na tentativa de organizar o espaço público segundo concepções e políticas específicas para determinados grupos.

No início do século XX, expande o fenômeno dos novos hábitos considerados modernos, os quais criam e recriam a realidade. Para compreendermos esta novidade, devemos perceber os processos históricos. Assim, enfatizamos a obra *Processo Civilizador*, de Norbert Elias, que tem como plano central a correlação entre processo de individualização e formação dos Estados Nacionais. Neste sentido de mudança, Elias salienta:

O que muda no curso do processo que denominamos de história são as relações mútuas, as configurações de pessoas e a modelação que o indivíduo sofre através delas. Mas, no exato momento em que essa historicidade fundamental do homem é vista claramente, percebemos também a regularidade, as características estruturais da existência humana, que permanecem constantes. (1993:231).

O autor está argumentando sobre as mudanças ao longo do tempo, as quais são realizadas lentamente nas estruturas das personalidades, no reforço das diferenciações e no controle das emoções. Segundo Norbert, a estrutura do comportamento civilizado está estritamente relacionada com a organização das sociedades ocidentais, sob a forma de Estados. Portanto, o autor evidencia as estruturas e práticas sociais, que se submetem ao processo de civilização dos hábitos não considerados fixos, mas - sim - mutáveis e dependentes do desenvolvimento das relações cotidianas.

Quando sobrepomos escritas do gênero feminino à bibliografia que informa os conceitos de imprensa/ensino e civilização, percebe-se que as concepções do feminino foram também marcadas pelo tipo de organização social. É nesse sentido que equacionamos a imprensa e seu papel educacional, pois ela quer ser a voz da sociedade, seja dos leitores ou dos analfabetos, almeja ensinar tudo e a todos.

Imprensa, ensino e religiosidade em Ribeirão Preto: um campo para o feminino?

A Igreja Católica local controlava, ideologicamente e através de seu discurso, as diversas camadas sociais, fosse na hora da missa, em notas da imprensa matutina, e/ou por intermédio dos colégios religiosos. O jornal, aqui, serve como um eco da voz do sacerdote, vai além das mensagens dirigidas aos domingos, pois esclarece questões da vida social no cotidiano. Em 13 de novembro de 1901, *O Diário da Manhã* transmitiu a notícia intitulada *Receita para Cazar*:

Toda a moça que quizer casar-se deve lembrar-se, durante tres mezes, ás 5 e meia da manhã, dirigir se ao quintal, olhar o céu e rezear tres vezes a seguinte oração:

*< S Gonçalo de Amarante, S. Gonçalo brincalhão,
Já não posso estar solteira, Cazai me por compaixão! D
Expitimentem e verão.> (1901:1)*

Neste pequeno gesto de se dirigir ao santo *casamenteiro* estavam embutidas características consideradas sagradas. Pela certeza da fé, a moça deveria buscar no santo uma interseção e solicitar-lhe *compaixão* e que realizasse a desejada união. Desta forma, existia na localidade uma cultura tradicional vinculada à esfera religiosa, pela qual quaisquer modificações e/ou profanações seriam repudiadas e marginalizadas. Não obstante estas palavras, o historiador Rafael Cardoso de Mello ilustra a atuação das religiosas na educação feminina:

Causando menos surpresa, porém ressaltando a pluralidade desta cidade repleta de imagens femininas, devemos nos atentar às irmãs que aqui se instalaram. Representantes religiosas, muitas que aqui habitaram viveram para a educação feminina fundando instituições como o Colégio Metodista em 1889 249, Colégio Santa Úrsula em 1912 250, Nossa Senhora Auxiliadora em 1918 251, entre outras... (2009:125).

Desta forma, a historiadora Letícia Ricci Aparício de Carvalho aponta: “As escolas religiosas instaladas na cidade tiveram um papel fundamental no sentido de ‘educar’ as moças de família através do ensino religioso, realizado por freiras”. (2009:98). Cardoso confirma: “Ganha cores a participação feminina na história da localidade. Estas mulheres se envolviam com os projetos da Igreja, vestiam-se como professoras e educadoras, ou seja, civilizadoras dos próximos cidadãos da futura Ribeirão Preto”. (Idem:126).

A Igreja - por intermédio das associações filantrópicas, do ensino religioso e com auxílio da imprensa - controlava a vida de seus fiéis, fosse na moral ou no ordenamento público. Entretanto, tal domínio era voltado primordialmente ao grupo feminino, para que as mulheres mantivessem a moral em harmonia com os dogmas estipulados pela fé católica.

Com efeito, este grupo deveria ser a personificação fiel de devoção, veneração e moral cristã, visto que, para ele, Maria mãe de Jesus foi o maior exemplo de amor e caridade, pois concebeu e educou o filho de Deus. Assim, caberia à mulher ser o espelho para os futuros cidadãos.

Por conta do café, a cidade abrigou uma variedade de imigrantes, tais como alemães, espanhóis, italianos, franceses, japoneses, portugueses, sírios, enfim, pessoas das mais diversas nacionalidades que introduziram novos valores e visões de mundo. Para atender à demanda desta colcha de retalhos cultural foi necessário instituir um forte suporte educacional. Fato que foi concretizado, como se pode notar no anúncio do Jornal *A Cidade*, de 16 de janeiro de 1916, na matéria intitulada *Collegio Santa Ursula: para educação Catholica e instrucção das meninas*:

Ensino se faz em Portuguez Linguas - Francez, inglez, italiano, desenho, pintura, pyrogravura, solfejo, piano, violino, bandolin. Trabalhos manuaes e costura, bordado a branco e a cores, cortes de vestidos, Flores artificiaes.
JARDIM DA INFANCIA
Recebemos meninos e meninas desde 4 annos
Cursos para meninos dos 6 aos 12 annos. (1916:2).

Nas linhas da citação, percebemos que há um convite formal, direcionado às famílias, para se escolher o colégio *Santa Ursula* como local ideal para o ensino infantil e para instrução sobre o comportamento cristão. Além de manter a doutrina católica, o colégio estava preparado para atender às principais correntes migratórias que residiam na área urbana e rural da localidade.

Contudo, Ribeirão Preto não vivia apenas de religiosidade, pois mantinha uma diversidade cultural exorbitante. O encontro étnico rendeu bons frutos culturais à urbe que, aos poucos, vai alterando os espaços públicos que, por sua vez, influenciavam os comportamentos sociais das pessoas. Além do mais, os imigrantes auxiliaram na construção do cenário urbano/moderno da *Pet Paris* (considerada na época um pedacinho de Paris no interior paulista).

Em 1916, o jornal *A Cidade*, preocupado em agradar aos estudiosos e a um público ávido por boa notícia, criou um espaço que trazia as novidades. Um bom exemplo é a nota intitulada *O Movimento Intellectual Paulista*, que ilustra claramente o cenário urbano da Paulicéia:

É realmente animador o movimento que actualmente se está operando na linda Paulicéia entre todos quanto cultivam as letras.
A "Hora Literaria", fundada sob os mais bellos auspicios na capital paulista, está sendo o ponto convergente dos literatos, dos poetas e de todos os que cultivam, com amor e arte, as letras patrias.
Não faltou a essa festa intellectual ultimamente levada a effeito no Conservatório de São Paulo, o brilho da presença feminina.

Desse movimento verdadeiramente bello na mais elevada e significativa expressão do termo, ha de resultar indubitavelmente a genuina confraternização dos homens que se consagram ao culto das letras.

Dessa associação de idéias vae surgir forçosamente um incentivo forte que muito contribuirá para a producção de novos trabalhos e para a conquista de novos ideais.

Esse bello movimento contribuirá, forçosamente, para uma sólida associação aos intellectuaes, que dest'arte poderão encontrar novos estímulos para a conquista do ideal supremo nessa trajetória brilhante da literatura. (1916:2).

A partir da citação acima, percebemos que os acontecimentos intelectuais e culturais realizados na capital também se refletiam no interior. Fato possibilitado em larga escala pela urbanização e modernização, as quais multiplicaram as possibilidades da vida social para as mulheres que antes disso, sobretudo por falta de oportunidade, eram fortemente controladas pela família, inclusive pelo poder público e religioso.

As personagens femininas encontraram nas letras um importante meio de propor suas ideias; ao mesmo tempo, foi no ensino que tiveram o primeiro reconhecimento profissional. Nesta linha de pensamento, Rafael mostra que a educação infantil em Ribeirão contava com a participação ativa das mulheres:

Além das irmãs educadoras, e das profissionais da educação [...], em especial Maria Amália de Oliveira Pinto e as diretoras Blandina Ratto e Ida Stott, sem nos esquecermos, é claro, da reconhecida Zoraide da Rocha, é possível ainda tirar dos jornais outra diretora, como D. Carolina Rodrigues responsável pelo Colégio Progresso e mais professoras, como D. Maria Augusta Ramos que lecionou na Escola Isolada “Salles”, mais Philomena Fagnani e Lydia dos Santos, que ministraram aulas na Escola Feminina do Barracão. Das petições à Câmara Municipal, é possível visualizar Maria Pia Righi pedindo auxílio em dinheiro para a manutenção de uma escola mista para alunos pobres. (Idem:132)

Conforme a citação, a mulher começa a participar mais ativamente da rotina social, principalmente do ensino infantil. Elas saem do universo recluso do lar e iniciam uma nova vida na esfera pública. Livres dos casarões e sobrados, recebiam a educação formal/informal por meio das mais variadas leituras do mundo (jornais, livros, almanaques, romances), nos colégios. Enfim, surgia um mundo das letras direcionado ao público feminino.

Desta maneira, a República das Espadas almejava construir uma identidade para a sociedade brasileira, definindo os caminhos das mulheres por meio de teorias que estabeleciam o sucesso ou a perdição dos futuros cidadãos. Escritores, literários e

intelectuais acreditavam que pela ação da personagem feminina e do ensino seriam eliminados o atraso e a ignorância social.

Com a proliferação da imprensa, foi criada uma cultura letrada impulsionada por estudantes e intelectuais (em Ribeirão, destaca-se a atuação dos professores e alunos do ginásio do Estado, assim como dos bacharéis). Foram inauguradas as lojas de departamentos, butiques, confeitarias, os armazéns, teatros – cinemas, clubes –, as casas noturnas, alfaiatarias, aulas particulares de piano/francês, câmaras fotográficas – os fonógrafos, piqueniques/passeios no parque, florescem a eletricidade, o telégrafo e, por fim, o rádio. (Cf. FRANÇA; APARÍCIO, 2007). É um tempo de novidades ligadas ao comércio e ao lazer. A estética ganha um brilho jovial com o olhar feminino, seja na difusão de hábitos ou nas aspirações e valores das demandas sociais em expansão no cenário urbano.

O painel de imagens abaixo foi montado pelo autor deste trabalho. Podemos observar nele a variedade de propagandas realizadas pelos meios de comunicação:



Recortes de propagandas em diversos jornais impressos na localidade. Primeira metade do século XX. Fonte: APHRP – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. É possível perceber que o consumo de produto varejista era intenso na cidade de Ribeirão Preto. Essa afirmação leva em conta a difusão de mensagem gerada por parte do anunciante identificado, o qual comprou um espaço no jornal para promover sua mercadoria.

Os apelos publicitários na imprensa abordavam também a questão higiênica. Com um jogo de sedução, um simples anúncio do sabonete “Salus” estava ocultamente formando um leitor preocupado com a higiene pessoal, a qual, como regra de boas maneiras, homens e mulheres deveriam praticar diariamente.

A “Cura da Syphilis” representava a necessidade de transmitir à sociedade informações sobre doenças infecciosas e contagiosas. Nesta linha, “Fluxo-Sedatina” enfoca a ideia de transmissão de conhecimento, neste caso, passado primeiramente da avó para a mãe e, finalmente, da mãe para a filha. Deste modo, além de regular o fluxo menstrual, o remédio em questão, assim como outros, estava orientando as mulheres sobre a necessidade dos hábitos de higiene pessoal para prevenção de doenças.

Neste período, a automedicação era bastante estimulada pela propaganda de medicamentos, fossem reguladores menstruais, fortificantes, tônicos, depurativos, purgantes, ou os analgésicos e antiácidos - estes, as estrelas da vez. Enfim, surgiam diversas substâncias modificadas pela indústria farmacêutica que buscavam o bem-estar social.

Assim, a imprensa promovia determinados discursos ligados à educação da sociedade. Para tanto, além de informar diversos conhecimentos transmitia aos leitores à necessidade do ensino. Um bom exemplo é a notícia publicada no *Diário da Manhã*, no dia 14 de abril de 1909, em que o jornal apresenta o *Collégio Progresso* como um local ideal para matricular as crianças:

Para estabelecer o Jardim da Infância, de modo a satisfazer cabalmente o fim a que se destina, será escolhido um prédio em local apropriado, com a indispensável sala espaçosa para jogos de acção com que as crianças farão agradável e hygienico entretenimento nos dias de mau tempo. (1909).

O colégio acima atendia às necessidades básicas de instrução e aperfeiçoamento do espírito cívico do jovem republicano. Para tanto, o estabelecimento desenvolvia uma educação integral, com pensamento crítico e uma formação moral/higiênica. Este projeto atendia a um plano maior, vislumbrado pelos intelectuais/bacharéis republicanos do interior do Estado de São Paulo, que almejavam desenvolver na mente juvenil a leitura do mundo, ou seja, um conhecimento acumulado pelas sociedades. Para tanto, a

mulher e a imprensa deveriam promover um ensino de qualidade e integral - a “boa sociedade”.

Considerações Parciais

Este trabalho se propôs falar da mulher na Primeira República, em especial na cidade de Ribeirão Preto, e pontuar sobre os novos hábitos.

A locomotiva, condutora da economia local, trazia as mais diversas novidades, um número infinito de informações apresentadas primeiramente pela imprensa e, em seguida, por revistas, livros, almanaques.

Por conta da economia cafeeira, surgem inúmeras transformações na paisagem urbana, tais como: linhas férreas, grupos escolares (em Ribeirão Preto, o Otoniel Mota foi o primeiro ginásio do interior e o terceiro do Estado de São Paulo), hotéis, redes de abastecimento de água e esgoto, estação de energia elétrica, entre tantas outras atividades modernas ligadas a lazer, entretenimento e bem-estar social.

Deste modo, as mulheres não estavam à margem das transformações sociais realizadas na cidade. Pelo contrário, foram protagonistas e iniciaram um momento oportuno, lançaram-se frente aos mais variados espaços sociais da pequena e adiantada elite local. Professoras, enfermeiras, telefonistas, secretárias. O campo profissional estava abrindo novos cenários trabalhistas, os quais ganhavam a participação ativa das mulheres.

Por fim, os discursos produzidos pela imprensa revelam determinados espaços de atuação das personagens femininas, inseridas num espaço até então dominado exclusivamente pela atuação masculina.

Referências Bibliográficas

Imagens - Fonte: APHRP – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

- 1: *Anúncio Aristides Motta*. Diário da Manhã, Ribeirão Preto, 18 novembro de 1909.
- 2: *Anúncio Externato Cesario Motta*. Diário da Manhã. Ribeirão Preto, 19 março de 1927.
- 3: *Anúncio Fluxo-Sedatina*. Jornal A Tarde, Ribeirão Preto, 22 de janeiro de 1943.
- 4: *Anúncio Sabonete Salus*. Jornal A Tarde, Ribeirão Preto, 24 de fevereiro de 1944.
- 5: *Anúncio Rádio PRA7*. Jornal A Tarde, Ribeirão Preto, 10 de março de 1944.

6: *Anúncio A Notre Dame de Paris*. In: Revista Moderna. n.3, Ribeirão Preto, 20 de abril de 1910.

7: *Anúncio Luetyl*. Jornal A Cidade, Ribeirão Preto, s/d. Fonte: APHRP – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

8: *Jornal A Cidade*. Ribeirão Preto, 01 de janeiro de 1905.

9: *Recibo - Jornal A Cidade*. Ribeirão Preto, 27 fevereiro de 1906. In: Anexo - Execução de Sentença, Caixa 132A do 1º Ofício Cível, Ribeirão Preto, 1906.

A Cidade. Collegio Santa Ursula: para educação Catholica e instrução das meninas. Ribeirão Preto, 16 de janeiro de 1916. Fonte: APHRP.

_____. O Movimento Intellectual Paulista. Ribeirão Preto, 22 de novembro, 1916. Fonte: APHRP.

APARÍCIO, L. R. *Forma e Aparência*: análise da moda feminina e seus sentidos sociais na Ribeirão Preto da Belle Époque (1883-1930). Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em História - Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto, 2007.

BASTOS, M. H. C. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, J. C. S; GATTI JR, D. (Orgs.). *Novos temas em história da educação*: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002, p.151-174.

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moises; Ana Maria L. Ioriatti 13ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CALSANI, R. de A. Entre o café e o açúcar: a experiência de vida do homem do campo na região de Ribeirão Preto (1940/1970). Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em História - Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto, 2005

CAMPOS, R. D. *A Princesa do Sertão na Modernidade Republicana*: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos 1920. São Paulo: Annablume; São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.

CARVALHO, L. R. A. *Usos e recusas da modernidade*: a moda feminina na Ribeirão Preto da Belle Époque (1883/1940), Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História, Cultura e Sociedade) – Centro Universitário “Barão de Mauá” Ribeirão Preto, 2009.

CERTEAU, M. A Operação Histórica. In: Burke, P. (Org.). *História*: novos problemas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988, p.17-29.

CHARTIER, R. Introdução: por Uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *História cultural*: entre práticas e culturais. Trad. Maria Manuela Galhardo, 2ed. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 2002, p.13-28

_____. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, Jan./Abr. 1991, vol. 5, n.11, p.173-191.

CHICHITOSTTI, A. P. M. *Homossexualidade e suas representações sociais*: interpretação de uma experiência – Barretos (1945-1960). Trabalho de Conclusão de

Curso, graduação em História - Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto, 2005.

Diário da Manhã. Collégio Progresso. Ribeirão Preto, 14 de abril de 1909. Fonte: APHRP.

_____. Receita para Cazar. Ribeirão Preto, 13 de novembro de 1901. Fonte: APHRP.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador: formação do Estado e Civilização.* v.2, Trad. Ruy Jungmann, Revisão, apresentação e notas: Renato Janire Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FRANÇA, J. L. *Meretrizes na Belle Époque do Café: cabaré e sociedade, 1890-1920.* Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em História - Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto, 2006.

FRANÇA, J. L.; APARÍCIO, L. R. Novos Hábitos: espaços sociais e moda feminina na Belle Époque. In: *DIALOGUS.* Ribeirão Preto, v.1, n.3, 2007, p.329-352.

GIORGIANI, T. S. *Pelos caminhos das palavras: uma breve interpretação da Rádio P.R.A.– 7 a partir das suas representações.* Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em História - Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto, 2005.

GONÇALVES NETO, W. Imprensa, civilização e educação Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, J. C. S; GATTI JR, D. (Orgs.). *Novos Temas em História da Educação: instituições escolares e educação na imprensa.* Campinas SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002, p.197-225.

JAYME, L. R. *Nas sombras das luzes educacionais.* As escolas isoladas em Ribeirão Preto (1890-1920). 2008. Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em História - Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto, 2008.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B; et al (Orgs.). *Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, 2010, p.111-163.

MELLO, R. C. *Mulheres como letras: um breve estudo acerca das imagens femininas na Revolução Constitucionalista de 1932, em Ribeirão Preto.* Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em História - Centro Universitário “Barão de Mauá”, Ribeirão Preto, 2004.

_____. *Um “coronel de saias” no interior paulista: a “rainha do café” em Ribeirão Preto (1896-1920).* Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Franca, 2009.

NOVOA, A. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, D & BASTOS, M. H. C. Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo, Escrituras, p.11-32. Apud BASTOS, M. H. C. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, J. C. S; GATTI JR, D. (Orgs.). *Novos Temas em História da Educação: instituições escolares e educação na imprensa.* Campinas SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002, p.151-169.

PAZIANI, R. R. *Construindo a Petit Paris: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920).* Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou Da Educação.* Trad. Sérgio Milliet 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1973.

SILVA, B. L. *O rei da noite na eldorado paulista*: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880 –1930). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000.

TUON, L. *O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)*. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997.